

## “EU” E O “OUTRO”: A ALTERIDADE NAS RELAÇÕES ESCOLARES E FORMAÇÃO DO SER

*Bianca Stephanny Martins Gomes*

Universidade Tiradentes

### Resumo

As relações humanas são moldadas à medida que o tempo passa, junto com ela, as identidades são estruturadas de acordo com o ambiente ao qual o homem está inserido. Sem o reconhecimento do “outro” estamos fadados à alienação e a criação de uma barreira de relutância. A quebra da alienação se dá por meio da educação e alteridade quando ambas trabalham juntas em sala de aula. Por meio disso, trazemos o debate acerca do tema “Alteridade” juntamente com formação de identidade como forma de divulgar um tema capaz de mudar a sociedade escolar. Sob a luz de Bezerra (2011, 2017), Gallo (2008), Fleuri (2003) e Furtado (2011), a noção de alteridade é atrelada à identidade docente e estudantil. Sendo complementado com entrevistas de professores da área rural que relacionam a afetividade e a noção de alteridade no interior de Sergipe.

**Palavras chave:** Alteridade; Identidade Docente; Sociedade.

### Introdução

É um fato mundialmente conhecido de que identidade é um conceito mutável. Quem eu era há dez anos é completamente diferente de quem eu sou agora ou de quem serei amanhã. Somos uma mudança constante, agindo de maneira adequada ao ambiente que somos inseridos e expostos.

Toda questão indenitária começa antes mesmo de nascermos, quando ao descobrir o sexo, os pais submetem o ser humano em formação a estereótipos de gênero: se for menina irá vestir rosa e brincar de boneca; se for menino vai vestir azul e gostar de futebol. Ou seja, desde o momento da concepção nossa liberdade está condicionada à permissão e ao que nossos pais esperam de nós, acabando por formar parte de quem somos, do que exibimos para o mundo. E desde o momento da descoberta do sexo estamos condicionados a seguir certos padrões de vida relacionado ao sexo. À medida que crescemos e interagimos com diversas pessoas, agimos de acordo com suas expectativas, nos importamos com suas opiniões e adequamos nossas características e maneira de viver ao que esse grupo de pessoas e o que essa sociedade, espera de nós.

Conforme agimos em comunidade, certos padrões (de vestimentas, comportamento, relacionamentos, etc.) são criados. Por exemplo: por volta de 1330, a Inglaterra entrava

numa nova Era chamada *the late Middle Ages*, onde Edward III e seu filho mais velho (conhecido como *Black Prince*) eram bastante admirados na Inglaterra devido sua decência e forma de agir no campo de batalha, tornando-se símbolos do *code of chivalry* (código de cavalheirismo), que mostrava como um verdadeiro cavaleiro deveria se comportar (servir à Deus e ao Rei estavam entre as principais formas de conduta) (McDowall, 1989, p. 45). Já por volta de 1950, a revista estadunidense *Housekeeping Monthly* publicou um artigo chamado *The Good Wife's Guide*, um guia com regras de como uma “boa esposa” deveria se comportar, entre eles estão: “11) Faça a noite dele. Nunca reclame se ele chega em casa tarde ou sai para jantar ou vai para lugares de entretenimento sem você. Invés disso, tente entender seu mundo de tensão e pressão e sua necessidade de estar em casa e relaxar” ou “17) Não faça perguntas a ele (o marido) sobre suas ações nem questione a integridade de seu julgamento. Lembre-se: ele é o mestre da casa e como tal, sempre faça sua vontade justamente e verdadeiramente. Você não tem direito de questioná-lo.” E até mesmo “18) Uma boa esposa sempre sabe seu lugar.”<sup>1</sup>

Mesmo depois de séculos e décadas de formas de agir ditadas por outros, certos hábitos advindos dessas épocas perduram até hoje, como: o costume do homem ser sempre o “cavaleiro” e agir como herói e até mesmo acharem que são o “chefe” da casa, tentando impedir suas esposas de encontrarem emprego para que cuidem do lar e dos filhos, entre outras ações sexistas que foram normatizadas ao longo do tempo.

Esses atos são definidos por Fernandes & Zaneli (2006) como cultura organizacional e é

o conjunto de pressupostos básicos que um grupo inventou, descobriu ou desenvolveu ao aprender como lidar com os problemas de adaptação externa e integração interna, e que funcionaram bem o suficiente para serem transmitidos aos novos membros como a forma correta de perceber, pensar e sentir, em relação a esses problemas (apud Schein, 1989, p. 12).

Em razão ao enraizamento de certos hábitos que fazem parte da cultura, somos vistos de forma estranha ao questionar esses valores e tentar entender como funcionam e de onde

---

<sup>1</sup> Do original: “11) Make evening his. Never complain if he comes home late or goes out to dinner, or other places of entertainment without you. Instead, try to understand his world of strain and pressure and his very real need to be home and relax.”

“17) Don't ask him questions about his actions or question his judgment of integrity. Remember, he is the master of the house and as such will always exercise his will fairness and truthfulness. You have no right to question him.”

“18) A good wife always knows her place.”

surgiram especialmente se são costumes antigos e fazem parte conhecimento de mundo dos mais velhos.

Por mínimos que esses atos sejam, eles não permitem que um ser seja completamente livre, pois a partir do momento em que se vive apenas em condição de regras da sociedade ou do que o “outro” pensa, sua alteridade é perdida.

Gallo (2008) baseia-se na afirmação de Jean-Paul Sartre “*o outro guarda um segredo: o segredo de quem eu sou*”. Tal declaração classifica-nos como dependentes do “outro” e essa dependência surge a partir da nossa necessidade de conhecer-nos primeiramente através do olhar do “outro” para nós mesmos. Devido isso, estamos vinculados à visão que os “outros” têm de nós, nunca deixando-nos livres, por isso, praticamos ações com base nas expectativas sociais, desclassificando a alteridade presente em cada um.

Cada vez mais estão surgindo pessoas que se classificam como “sem rótulos” ou simplesmente alegam que não se importam com a opinião de outras pessoas. Entretanto, ao afirmarem isso, de alguma forma, estão constantemente afirmando-se para outras pessoas, nunca livre dos “outros”, tendo assim, uma liberdade limitada a existência do “outro”.

Com isso, a percepção particular de identidade começa a partir do “outro” e dos ambientes ao qual o ser está exposto ao longo da vida: dos pais de uma criança ainda não nascida, de uma sociedade que ainda segue normas de vivência antigas e preconceituosas (entretanto levemente moldadas e “atualizadas”). Mas o ambiente que ainda é responsável pela caracterização da identidade humana é a escola.

## O “outro”

Devido ao egocentrismo exacerbado provido pelo mundo pós-moderno, as relações humanas encontram-se em decadência e a atual tendência do homem é a de ignorar a existência do “outro”, menosprezando seu ser, sua identidade e o que ele representa, passando a identificá-lo apenas por suas funções sociais e seu trabalho. (FURTADO, 2012)

Nessa mesma tendência encontram-se as pessoas que, por receio ou forma de proteção, tentam preservar ao máximo suas culturas, evitando contato com outras a fim de evitar a miscigenação, criando uma barreira de relutância, que consiste em certo preconceito com o que é desconhecido. Então, a pessoa ao invés de procurar saber mais sobre o diferente, fecha-se para ele e o ignora, tornando-se alienado.

A propagação de ideias por pessoas que são contrárias a uma cultura ou forma de agir, prejudicando a forma com que ela é vista ao seu redor, está relacionada à alienação. O alienado acredita nas mais diferentes distorções de realidade que lhes são apresentadas, por conta de sua falta de criticidade para discernir o que é verdade ou não. Aliena-se o homem que ignora o mundo ao seu redor e age com preconceito com o “outro”, entrando em conflito com o diferente. Julga quem se incomoda com a realidade do “outro” e não consegue conviver com as diferenças.

Contudo, o julgamento não provém somente do “outro”, mas deriva também de mim mesmo. “Eu” sou o que julga o próximo com base nas minhas experiências diárias sem entender a realidade do “outro”. “Eu” sou o que estou alienado ao que o “outro” passa e faço pressuposições sobre seu cotidiano, muitas vezes de maneira insensível. De oprimido pelo julgamento do “outro”, torno-me opressor pela mesma razão.

Liberto-me das amarras do opressor quando passo a entender as diferenças existentes em meu cotidiano. Torno-me livre quando, por meio da educação, vejo o ser além de seu trabalho na sociedade e o enxergo como o ser humano que o “outro” é. Entretanto, de acordo com Freire (1987) apenas os oprimidos podem libertar outros oprimidos. E essa libertação vem através da educação, quando o professor com alteridade presente em sua identidade, torna o ambiente da sala de aula acolhedor e cria oportunidades para que todos os alunos desenvolvam-se igualmente.

Também é por meio da alteridade presente nas interações sociais, que a selvageria é impedida, “estabelecendo relações pacíficas e construtiva com os diferentes, na medida em que se identifique, entenda e aprenda a aprender com o contrário.” (Furtado, 2012, p. 1). A partir disso, as relações humanas evoluem e um aprende com o outro, permitindo a troca de experiências e saberes, enxergando uma nova forma de ver o mundo, compreendendo o diferente e libertando um ao outro.

O conceito de alteridade mais disseminado é, segundo Bezerra (2017, p. 42) “ser o outro, colocar-se ou construir-se como o outro”. A partir do momento que se entende o “outro” em sua diferença e a diversidade de características nos bilhões de pessoas do mundo, a alteridade passa a ser desenvolvida. “Cada singularidade é a dobra do eu no outro e do outro no eu.” (Gallo, 2008).

## Alteridade

As diferenças podem gerar conflitos e com o objetivo de evitar a hostilidade no ambiente escolar, o professor acaba por ser tornar mediador através da alteridade presente em sua identidade, integrando os alunos. “A educação é uma incidência de singularidades, além de ser uma ação coletiva. Para educar carecemos, ao menos, duas singularidades em contato.” (Orso, 2016, p. 186). Duas singularidades, duas pessoas, milhares de características embarçados em dois seres comunicativos, todas as diferenças a postos.

Alteridade é o reconhecimento da diferença. É a harmonização e a igualdade social dos diferentes. A alteridade necessita da discrepância entre os seres. A diferença não pode ser negada ou esquecida, mas deve ser abraçada e bem utilizada. A alteridade auxilia uma educação de liberdade ou Educação Problematizadora (Freire, 1987), pois o respeito auxilia na formação de um senso crítico fortalecedor.

A escola é um lugar de descobertas e interações. É nela que os jovens terão contato com grupos de pessoas fora do seu ciclo familiar sendo um passo muito importante para as descobertas de diferentes identidades. Durante esse tempo as relações professor – aluno e aluno – aluno começam a aflorar. O estudante começa a desenvolver a sua humanidade, a descobrir-se como pessoa, enquanto descobre o "outro" também. Nisso, temos o professor como principal mediador nessas relações, ele o responsável por intercalar o respeito nesses espaços, através da alteridade, que é a chave de uma relação gentil no espaço escolar.

Afetividade está inserida na alteridade e andam sempre lado a lado numa sala de aula. É pouco provável que o educador que passe tanto tempo com seus alunos não desenvolva certo carinho em relação aos alunos. A afetividade é, dentro da alteridade, o “laço” que liga o respeito às relações, é através dela que o aluno vai poder sentir-se respeitado e saber se também está a respeitar o próximo. Como diz Furtado (2014) “a alteridade é como se fosse nossa garantia de sermos antiradicais”.

Em sala, o professor é o provedor da alteridade do ambiente, é ele o mediador de qualquer conflito que aconteça, e o responsável por mostrar o caminho do respeito aos estudantes.

Como forma de instaurar a alteridade no ambiente escolar, uma das medidas principais a ser tomadas pelo professor é a de sempre considerar as experiências vividas pelos alunos, não importa quão poucas tenha sido. Levar em consideração sua vida é uma forma de demonstração de respeito para com o aluno. E, quando o aluno sente-se respeitado, ele tende a respeitar de volta. Outra forma de expressar afetividade e alteridade juntas é de estar com o aluno sempre que ele precise um conselho ou ajuda relacionada às matérias escolares,

prevendo suas necessidades. Demonstrar que se importa com o aluno é a principal forma de mostrar que o respeita.

Muitos alunos carecem de afetividade nos diferentes âmbitos de suas vidas, seja porque a situação econômica da sua família tenha relação com a atenção recebida pelos pais ou problemas relacionados a violência doméstica, as causas são infinitas. Por isso a escola pode ser tida por alguns deles como válvula de escape para seus problemas da vida. O amor é a mudança (Bezerra, 2016).

Dessa forma, a atenção não recebida em casa muitas vezes é provida pela figura que mais toma espaço na vida dos alunos longe de casa: a do professor. Por passar muito tempo com os alunos, alguns mais tempo que os próprios pais, os alunos desenvolvem uma admiração pelo seu educador, chegando a ser paternal, em alguns casos.

Uma das muitas outras formas de utilização da alteridade em sala é o uso da Educação Contextualizada em sala. Um formato simples de exploração do cotidiano escolar e pessoal do aluno, descobrir o que os influenciam a gostar de aprender e utilizar isso profissionalmente. Coisas simples, formas lúdicas de ensino, que tornam as aulas mais atrativas e menos desgostosas. É um jeito de misturar o conhecimento de mundo dos alunos com o conhecimento científico do professor.

Entretanto, através de Políticas Públicas aprovadas pelo Estado para a área da Educação, são feitas mudanças que prejudicam e distanciam ainda os alunos e professores, fazendo com que a os oprimidos continuem ainda mais oprimidos e alienados. Essas Políticas que são apresentadas como interativas e distintas de qualquer outra coisa, por muitas vezes não conseguem chamar atenção dos alunos e são prejudiciais aos estudos.

## **Metodologia**

Tendo como principal objetivo levantar o debate acerca da alteridade, este trabalho tem como função caracterizar de forma sucinta a formação das identidades humanas e como a alteridade está relacionada na estruturação indenitária.

A tomada de conhecimento acerca do tema se deu por meio de uma bolsa de Iniciação Científica PROBIC (Unit/CNPq) denominada *ALTERIDADE NA CONSTRUÇÃO DE SI E DA DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA EM ÁREAS RURAIS: análise de protocolos de observações e narrativas de professores que atuam em escolas da rede municipal no sertão sergipano, do Banco de Dados do OBEDUC/PPED/UNIT/CAPEs*, que se deu de agosto de 2017 a julho de 2018.

Dessa forma, os primeiros passos para a realização da pesquisa se deram por meio de leituras e análise de entrevistas que serão aqui citadas. Seguindo os passos de BEZERRA (2011, 2017), GALLO (2008), FURTADO (2011) E ORSO (2016), que delineiam o tema da Alteridade de forma direta e sucinta, caracterizando-a em sala de aula. Estes autores classificam a alteridade como forma de reconhecer as diferenças, forma de promover os direitos e igualdade, respeito às diferenças e ver o mundo com os olhos do “outro”. Ou seja, não há alteridade sem o “outro” e sem o “outro” eu não sou nada.

Fazendo parte de uma pesquisa maior, os questionários utilizados como fonte neste trabalho foram realizados com nove professores atuantes na Educação Básica de Propriá/SE, que lecionam em classes multisseriadas. Através do acesso ao Banco de Dados do OBEDUC/UNIT/CAPES, ocorreu a análise dos questionários.

Mediante as falas dos professores, foi possível observar a presença da alteridade nas identidades docentes, que os tornam educadores mais pacientes e com “sede” de mudança para ver mudança nas realidades das crianças rurais.

Percebemos a capacidade do professor de enxergar os alunos, além da relação professor – aluno e ver-se no lugar do educando, compreendendo sua realidade e necessidades além das barreiras escolares.

Por meio da alteridade, a metodologia de ensino torna-se mais acolhedora para com os alunos, partindo do princípio da inclusão e do respeito ao próximo, criando um ambiente acolhedor e de oportunidades para todos. Com a mediação do professor por meio da alteridade, o educando passa a reconhecer-se no outro, criando uma atitude de tolerância em sala de aula, desenvolvendo convivência entre os mais diferentes grupos sociais.

Com as entrevistas, podemos perceber que a alteridade se faz presente nas pequenas ações não excludentes da classe, como quando um professor é atento com o aluno e cria um ambiente acolhedor. A atenção do professor-mediador para os problemas estudantis tem impacto positivo na vida pessoal dos alunos igualmente. É possível notar através de fragmentos da entrevista com a Professora Lúcia:

Por exemplo, tive um aluno no ano passado que brigava muito em sala de aula, só queria brigar, não tinha concentração, chegou um dia que chegou com uma serra de pão para brigar com o colega. Comecei mostrar carinho, a ensinar a pedir desculpa, não queria nada, o ano todo não aprendeu nada. Foi quando entendi que ele não queria devido as brigas que ele via em casa. Dai percebi que a forma rígida que eu tratava não estava resolvendo, foi quando depois de estudar como lidar com ele mudando o meu comportamento terminou ajudando. Hoje percebo que o professor precisa identificar o problema do aluno, quando é que a gente tem que dizer o que

está bom e o que já deu. Quando mudei o meu comportamento dando carinho a ele percebi que ele melhorou e avançou na aprendizagem, vi o que estava faltando era carinho, já que ele não tinha em casa, porque só via os pais brigando.

Um professor que cria laços de afetividade com seu aluno tem a alteridade presente em sua identidade, principalmente quando percebemos que a afetividade tem impacto positivo na vida do aluno e serve como meio de “abrir” caminhos para a mudança em sua vida.

Acompanhar o comportamento e desenvolvimento da turma, orientando cada aluno em sua individualidade e, ainda assim, conseguindo fazer com que as diferentes identidades em sala interajam sem conflitos é uma habilidade desenvolvida através da alteridade.

Na Dissertação desenvolvida por Santos (2017), a seção 4 denominada *Observação de indicadores da construção da identidade/alteridade em três escolas localizadas nos povoados: Boa Esperança, Santa Cruz e São Vicente (Propriá-SE)*, é dedicada exclusivamente à observação das aulas dos nove professores da área rural (Ana, Lúcia, Jane, Clara, Flor, Dulce, Sara, Joana e Pedro). Nessa seção há a descrição das aulas em três momentos. Em todas as tabelas descritivas constatamos que por mais que haja a presença de uma hierarquia em sala (onde o professor está no topo), os alunos o respeitam incansavelmente.

Atos de reconhecimento das dificuldades, congratulações ao acertar questões, motivação e tranquilização dos alunos, estabelecimento de aprendizagem para todos, estímulo e incentivo, além da atenção a tudo que ocorre a seu redor, são habilidades desenvolvidas com o tempo, nem sempre rapidamente, mas sempre por meio da alteridade, através da parceria entre professor – aluno.

A reciprocidade de sentimentos se dá na demonstração destes em sala de aula, quando ambas as partes (professor e aluno) percebem que estão sendo respeitados e uma relação de afetividade ali se constrói, mantendo o equilíbrio convivência entre os seres em sala de aula, como é possível notar na fala das Professoras Joana e Clara quando questionados sobre a importância da relação afetiva e relação com ensino e aprendizagem

É fundamental, porque quando o professor dá afeto a seu aluno, o incentiva, ensina com paciência a criança tende a aprender cada vez mais. E isso é importante para que ele desenvolva sua aprendizagem. (Professora Joana)

Acho que é a gente agregar o que eu sei com o que eles não sabem. O professor deve ficar atento tanto com o aluno que sabe como também aquele que não sabe, porque é fácil pegar uma turma que todo mundo lê.



(...) Afetividade para mim é se ver no lugar do aluno, pensando na aprendizagem de todos. (Professora Clara)

Com isso, percebemos que a afetividade é uma consequência importante da alteridade e que muda a percepção comum de aula, tornando-a mais agradável e criando um clima de respeito mútuo entre alunos e professor, entre o “eu” e o “outro”.

### Conclusões

Eu tomo consciência de quem eu sou por conta do que o “outro” tem a dizer sobre mim. E quando isso acontece, eu percebo quem é o “outro” e o seu poder e influência sobre mim. Por esse motivo, muitas das vezes uma barreira de relutância é criada impedindo a interação entre os seres. Consequentemente, a liberdade do “eu” torna-se ameaçada pelo que o “outro” tem a dizer, pois sua opinião acaba por se tornar demasiado importante e o “eu” acaba por viver condicionado ao “outro”.

Somos a sociedade da diferença e desigualdade, porém lentamente estamos desconstruindo os fatores misóginos e preconceituosos que cultuam a criação dos jovens. Cada vez mais vemos garantias de direitos sendo estabelecidas para que as minorias tenham oportunidades iguais perante os privilegiados.

As relações escolares devem sempre ser demarcadas por respeito, em qualquer aspecto interacional, mas principalmente nas relações professor – aluno. É preciso que o aluno entenda as motivações que levam o professor a estar em sala de aula, compartilhando seus conhecimentos. Porém, é necessário que o professor entenda que todos os alunos presentes têm diferentes histórias de vida, formas de se portar e carregam diferentes vivências. Ou seja, para que o aprendizado realmente ocorra de forma respeitosa, é preciso que todos se reconheçam um no outro, vendo a verdade de cada um com a interpenetração em suas personalidades e formas de vivência.

Por isso, o professor precisa ter em mente que terão que lidar com diferentes tipos de alunos numa mesma sala de aula: dos mais pobres aos mais ricos, dos que entram na turma sem perspectiva e outros com o futuro já traçado. O “eu” professor terá de lidar com o “outro” aluno e de fato a opinião do “outro” terá um importante peso no desenvolvimento das aulas. Dessa forma, o educador precisa estar capacitado para a criação de um ambiente harmonioso, criando condições de igualdade e oportunidades para todos.

Entretanto, por conta de um mundo egocêntrico ao qual o compartilhamento de conhecimento está atrelado ao capitalismo, vemos muitas vezes temas de importância para a convivência em sala sendo deixados de lado, por conta da falta de condições (deslocamento, econômica, etc.) que impedem que os professores aumentem a gama de conhecimento e busquem seu desenvolvimento intelectual. Por isso, além dos professores serem prejudicados, os alunos também são, pois os conteúdos que poderiam ser aprendidos são negociados e não executados, deixando de ir para a sala de aula e ser absorvido pelos alunos. A educação tornou-se um negócio de lucro.

À guisa do que foi apresentado anteriormente, concluímos que muitos professores infelizmente não têm conhecimento sobre o tema “alteridade” e pode chegar a confundi-lo com alteridade, quando na verdade ambos estão entrelaçados no caminho para o conhecimento. Com a finalidade de mudar essa realidade, procuraremos divulgar amplamente o tema, em atividades acadêmicas e para a sociedade em geral, mostrando a importância de ter a Alteridade como chave na relação professor – aluno, sendo esta uma ampla área de pesquisa a fim de melhorar o âmbito estudantil e do conhecimento.

A alteridade existe e está presente nas salas, precisando ser mais explorada para que metodologias rígidas que prejudiquem alunos e professores sejam extintas, abrindo espaço para uma educação afetiva e que promova oportunidades de inclusão social dos alunos.

## REFERÊNCIAS

BEZERRA, Ada Augusta Celestino. et al. **Estado Atual da (Re) Construção da Alteridade como Categoria Teórico-Prática e a Contribuição da Educação Superior.** REVISTA PEDAGOGÍA UNIVERSITARIA Y DIDÁCTICA DEL DERECHO. Unidad de Pedagogía Universitaria y Didáctica del Derecho, Universidad de Chile N° 1, vol. 4, 1° semestre de 2017, 37-73 pp.

BEZERRA, Ada Augusta Celestino; ROSITO, Margaréte May Berkenbrock. **Formação de Profissionais que Atuam em Escolas de Educação Básica Localizadas no Semiárido Brasileiro: uma contribuição aos estudos da alteridade nas políticas públicas.** Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v. 19, n. 70, p. 165-190, jan/marc. 2011.

CHANG, Angel. **This 1955 ‘Good House Wife’s Guide’ Explains How Wives Should Treat Their Husbands.** LittleThings. Disponível em: <<https://www.littlethings.com/1950s-good-housewife-guide/6>>. Acesso em: 02/2019.

FERNANDES, Karina Ribeiro; ZANELLI, José Carlos. **O processo de construção e reconstrução das identidades dos indivíduos nas organizações.** Rev. adm. contemp., Curitiba , v. 10, n. 1, p. 55-72, Mar. 2006 . Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-65552006000100004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-65552006000100004&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 02/2019.>

McDowall , David. **An Illustrated History of Britain.** 2006. Pearson Education Limited.

FLEURI, Reinaldo Matias. **Intercultura e Educação.** Rev. Bras. Educ., Rio de Janeiro, n. 23, p. 16-35, Aug. 2003. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782003000200003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782003000200003&lng=en&nrm=iso)>. Access on 02/2019.

FURTADO, Júlio. **Docência e Alteridade.** 2012. Disponível em: <<http://juliofurtado.com.br/wp-content/uploads/2016/03/coeb.pdf>>. Acesso em:

01/2019MOLAR, Jonathan de Oliveira. **A Alteridade na Educação: noção em construção.** Revista NUPEM, Campo Mourão, v.3, n.5, ago./dez.2011.

GALLO, S. **Eu, o outro e tantos outros: educação, alteridade e filosofia da diferença.** In: CONGRESSO INTERNACIONAL COTIDIANO: DIÁLOGOS SOBRE DIÁLOGOS, 2., 2008, Niterói. Anais... Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2008.

ORSO, Keila Daiane Ferrari. **Formação de Professores e Alteridade: em busca de uma aproximação.** PDF. 185-190. Unoesc & Ciência - ACHS Joaçaba, v. 7, n. 2, p. 185-190, jul./dez. 2016

SANTOS, Kátia Maria Limeira. **A Alteridade na Construção da Identidade Docente: um estudo de caso em escolas localizadas em áreas rurais.** 2017. Dissertação de Mestrado – Universidade Tiradentes, 2017.

## SOBRE A AUTORA

### **Bianca Sthephanny Martins Gomes**

Formada em Letras – Inglês pela Universidade Tiradentes. Foi bolsista de Iniciação Científica PROBIC/UNIT (2017-2018) e novamente bolsista PIBIC/CNPq (2018-2018) em projeto de Iniciação Científica pelo programa de Pós-Graduação em Educação da mesma instituição. Integrante do grupo de pesquisa História da Educação no Nordeste (GPHEN).

Email: b.martinsgomess@gmail.com